

TRADUÇÃO

Introdução de *Capitalismo e Escravidão*¹Emílio Ben Barreto Freire¹<https://orcid.org/0009-0000-6729-8460>

¹Doutorando no Programa de Pós-graduação em Serviço Social na Universidade Federal de Santa Catarina (PPGSS/UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil e pesquisador visitante no King's College London (KCL), Londres, Reino Unido.

Introdução de *Capitalismo e Escravidão*

Resumo: O livro *Capitalismo e Escravidão*, de Eric Williams, publicado originalmente em 1944, é uma referência indispensável para os estudos da relação entre o escravismo moderno e o advento do capitalismo industrial. A obra tem sido importante inspiração para o estudo da formação sócio-histórica brasileira, marcada por mais de 300 anos do modo de produção escravista, e ganhou renovado interesse a partir da publicação do livro traduzido pela editora Companhia das Letras, em 2012. Passados 80 anos desde sua publicação original, consideramos importante reforçar o contexto no qual a obra foi produzida, através de um texto ainda inédito na língua portuguesa: a introdução para a edição inglesa da obra publicada em 1994 pela editora University of North Carolina Press. Através das correspondências de Williams, Palmer capta as tensões acerca da publicação do livro que, sem a menor dúvida, tornou-se um clássico no estudo da relação entre o poder colonial e as colônias.

Palavras-chave: Tradução; Capitalismo; Escravidão; Eric Williams.

Introduction of *Capitalism and Slavery*

Abstract: Eric Williams' book *Capitalism and Slavery*, originally published in 1944, is an indispensable reference for studying the relationship between modern slavery and the advent of industrial capitalism. The work has been an important inspiration for the study of the socio-historical formation of Brazil, marked by more than 300 years of the slave mode of production, and has gained renewed interest since the publication of the book translated by Companhia das Letras in 2012. Eighty years after its original publication, we consider it important to reinforce the context in which the work was produced through a text still unpublished in Portuguese: the introduction to the English edition of the work published in 1994 by the University of North Carolina Press. Through Williams' correspondence, Palmer captures the tensions surrounding the publication of the book that, without a doubt, became a classic in the study of the relationship between the colonial power and the colonies.

Keywords: Translation; Capitalism; Slavery; Eric Williams.

Recebido em 07.03.2025. Aprovado em 29.09.2025. Revisado em 22.11.2025.

Poucas obras históricas modernas desfrutaram do impacto intelectual duradouro e do apelo de *Capitalismo e Escravidão*, de Eric Williams. Sua publicação, em 1944, foi saudada com aclamação em algumas áreas e críticas severas em outras. O debate acadêmico sobre suas conclusões continua cinquenta anos depois, sem sinais de esgotamento. Esta obra clássica, de um acadêmico das Índias Ocidentais, continua a ser a contribuição



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

mais provocativa para o estudo da complexa relação entre o comércio de escravos africanos, a escravatura, a ascensão do capitalismo britânico e a emancipação da população escrava nas Índias Ocidentais.

Eric Eustace Williams nasceu em Trinidad, em 1911. Um jovem intelectualmente talentoso, frequentou o Queen's Royal College, uma das melhores escolas secundárias da ilha. Em 1931, recebeu a bolsa *Lone Island Scholarship* e, em 1932, matriculou-se na Universidade de Oxford, onde se graduou em história moderna. Em Oxford, tal como em Trinidad, Williams teve contato com correntes intelectuais que celebravam a ligação imperial e atribuíam pouca agência aos povos de ascendência africana nas colônias. Relembrando seus anos de formação em Trinidad, Williams observou: “O equipamento intelectual com o qual fui dotado pelo sistema escolar de Trinidad tinha duas características principais: quantitativamente, era rico; qualitativamente era britânico. ‘Seja britânico’ era o slogan não apenas do Legislativo, mas também da escola” (Williams, 1971, p. 33).

À medida que crescia intelectualmente em Oxford, o jovem da colônia passou a questionar e, em última análise, a rejeitar uma análise partindo do império da história do seu povo. Nas suas reuniões com o seu tutor, R. Trevor Davies, por exemplo, Williams relatou que consistentemente “adotava uma linha independente.” (Williams, 1971, p. 41). Estudante intelectualmente curioso, passou quase sete anos em Oxford, finalizando seu doutorado em dezembro de 1938. Sua dissertação, “Os Aspectos Econômicos da Abolição do Comércio de Escravos e da Escravidão nas Índias Ocidentais”, seria revisada, ampliada e publicada cinco anos depois.

Williams aceitou um cargo de professor na Howard University em 1939. Lá, ele continuou sua pesquisa, elaborando sua dissertação e colocando ênfase especial na relação entre a escravidão e a ascensão do capitalismo britânico. Williams também estabeleceu contato com os professores Lowell Ragatz de George Washington University e Frank Pitman de Pomona College. Os dois estudiosos foram as principais autoridades na história pré-emancipação das Índias Ocidentais Britânicas.

Seguindo o conselho de Ragatz, Williams submeteu seu manuscrito completo à University of North Carolina Press em 17 de fevereiro de 1943. Em sua carta a William T. Couch, o diretor, o autor escreveu que esperava que o livro “fizesse jus aos altos padrões de sua editora, assim como parecia se encaixar na série geral de trabalhos sobre a escravidão negra que o mundo intelectual aprendeu a associar à Universidade de Carolina do Norte”.² Ele destacou que o manuscrito foi lido por Pitman e Ragatz e que sua pesquisa foi apoiada por duas bolsas *Rosenwald* que recebeu em 1940-41 e em 1942.

A carta de Williams foi acompanhada por um prospecto de uma página descrevendo o livro e sua tese principal. O livro, disse ele, “tenta colocar em perspectiva histórica a relação entre o capitalismo nascente na Europa, como exemplificado pela Grã-Bretanha, e o comércio de escravos negros e a escravidão negra nas Índias Ocidentais. Mostra como o capitalismo comercial do século XVIII foi construído sobre a escravidão e o monopólio, enquanto o capitalismo industrial do século XIX destruiu a escravidão e o monopólio.” Ele enfatizou que as colônias das Índias Ocidentais “são colocadas em um arcabouço colonial geral” e que “o desenvolvimento das Índias Ocidentais Britânicas é sempre visto em relação ao desenvolvimento de outras áreas do Caribe, por exemplo, Cuba e São Domingos, bem como outras regiões produtoras de açúcar como Brasil e Índia.” Williams enfatizou que via o movimento humanitário “não, como é habitual, como algo abstrato, mas essencialmente como uma parte da época e da luta econômica geral contra a escravatura e o monopólio.”³

Após o recebimento do manuscrito, a editora solicitou a opinião de quatro estudiosos sobre seu mérito acadêmico. Ragatz e Pitman foram escolhas óbvias; os outros foram os professores Hugh Lefler e Charles B. Robson, da Universidade da Carolina do Norte. Lefler foi um ilustre historiador da América colonial e Robson era um cientista político.

Ragatz, a quem o manuscrito foi dedicado, respondeu com um breve, mas forte, endosso ao trabalho. Ele relatou que “leu atentamente o manuscrito do Dr. Eric Williams, *Capitalismo e Escravidão*, tanto no primeiro rascunho quanto na forma final, conforme submetido à publicação, e considerou-o um trabalho altamente digno de mérito.”⁴ O relatório de Pitman foi mais longo e um pouco menos entusiasmado. Ele indicou que se encontrou com Williams duas vezes e o considerou “um jovem (da Universidade de Oxford) muito bem treinado.” O acadêmico de Pomona considerou o manuscrito “um trabalho sólido. Sugeri que, em alguns lugares, ele suavizasse um preconceito racial um tanto cáustico contra o capitalismo que detectei. Eu disse-lhe para deixar que os fatos constituíssem, no essencial, o julgamento contra as más práticas capitalistas.”

Pitman não considerou originais as ideias de Williams. “Seu trabalho acrescenta pouco ao que os estudiosos da área já sabem”, escreveu ele. Por outro lado, “para o leigo é uma síntese fresca, bastante bem escrita e sólida.” Pitman também tinha outros motivos para recomendar a publicação do livro. “O trabalho

literário do grupo minoritário ao qual Eric Williams pertence deve ser encorajado — especialmente neste momento”, aconselhou. Williams era, ele continuou, “muito enérgico e é um nome promissor. Quero ajudá-lo e espero que você se sinta da mesma maneira.”⁵

Os dois leitores da Universidade da Carolina do Norte também endossaram a publicação do livro, mas interpretaram mal os argumentos de Williams e, tal como Pitman, não conseguiram apreciar a refrescante originalidade do livro. Lefler considerou o estudo “interessante, legível e propriamente acadêmico.” Ele concluiu, porém, que o manuscrito tinha “o título errado.” Na sua opinião, a obra era “na verdade um estudo da escravatura nas Índias Ocidentais, e não do capitalismo e da escravatura.” Lefler pensava, no entanto, que Williams tinha feito “uma boa análise da influência da classe dos proprietários das Índias Ocidentais na política britânica.” Ele sugeriu a revisão de “alguns parágrafos sentimentais do manuscrito.”⁶

Robson também considerou o manuscrito “uma história direta da escravidão nas Índias Ocidentais e, como tal, realmente interessante.” Ele achou o manuscrito “OK”, embora tivesse “lido apenas alguns capítulos.” Ele confessou que “gostaria de ler o resto, mas não vejo necessidade de fazê-lo.” Robson “não encontrou nenhum vestígio, nos capítulos que li, do tipo de tratamento que pensei que o título pudesse indicar, não encontrei nada condenável ao ‘tom’.”⁷

O comentário de Robson foi enviado à editora em 10 de maio de 1943. Evidentemente influenciado pelas recomendações anteriores de Ragatz, Pitman e Lefler, William Couch escreveu a Williams em 22 de abril prevendo que o “trabalho será aprovado, desde que as considerações editoriais para publicação sejam acatadas.” Como a editora esperava que o livro tivesse um mercado limitado, o autor foi obrigado a pagar um subsídio de 700 dólares para financiar sua publicação. Couch estimou que 400 a 500 cópias do livro seriam vendidas durante o primeiro ano e algumas cópias anualmente depois disso.⁸

Williams respondeu a Couch em 9 de junho, expressando sua satisfação pelo fato de a editora planejar publicar o livro. Ele observou, com otimismo, que conseguiria aumentar o subsídio⁹. Mas o professor auxiliar achou a tarefa substancialmente mais difícil do que previra. Quando Couch o contatou no final do verão, ele admitiu que seu “atraso” em “responder aos termos da publicação” se devia em parte a “um acréscimo à nossa família que me apresentou a outro tipo de escravidão [e] parcialmente a uma doença.” Mas houve outras dificuldades. Embora estivesse “negociando” na tentativa de aumentar o subsídio, não teve sucesso. Williams estava “confiante”, no entanto, de que seria capaz de garantir os fundos “num futuro muito próximo.” Ele indicou que alguns dos “meus amigos das Índias Ocidentais estão fazendo esforços para arrecadar dinheiro através da comunidade das Índias Ocidentais nos Estados Unidos. Mas, ao mesmo tempo, estou tentando obter o subsídio através das fontes acadêmicas habituais.”¹⁰

Williams acabou conseguindo levantar os fundos. Em 18 de dezembro de 1943, informou a Couch que alguns de seus amigos das Índias Ocidentais lhe haviam emprestado o dinheiro para cobrir o subsídio, que seria pago em três parcelas, e aconselhou o diretor a “ir em frente” de acordo com as considerações da carta de 22 de abril.¹¹ Mais tarde, Williams encontraria dificuldades para reembolsar seus benfeitores diante dos modestos royalties que recebeu. Além disso, os esforços do autor e da editora para obter um subsídio para publicação do Conselho Americano de Sociedades Científicas (American Council of Learned Societies – ACLS) foram em vão. Depois de adiar por seis meses a decisão sobre o assunto, Donald Goodchild, secretário de subsídios do ACLS, informou Williams que seu pedido de financiamento havia sido rejeitado. Goodchild relatou “confidencialmente” que “o Conselho Consultivo neste assunto não concordou com a recomendação do nosso Comitê de Estudos Negros. Alguns de nossos consultores sentiram que seu manuscrito, embora de alta qualidade, era dirigido principalmente aos não especialistas no campo da história.”¹²

Embora Williams tenha aderido ao pedido de subsídio para a publicação do livro, ele não respondeu imediatamente à sugestão de que o título deveria ser alterado. Depois de prometer abordar o assunto mais detalhadamente numa data posterior, o autor informou a Couch, em 4 de setembro de 1943, que “com relação à mudança de título sugerida pelos seus leitores, estou totalmente em desacordo com a sua sugestão.”¹³ Williams procurou o conselho do professor Melville Herskovits, o ilustre antropólogo e estudioso da diáspora africana. Ele esperava que Herskovits simpatizasse com o título que havia proposto. Embora Herskovits tenha considerado o manuscrito “um trabalho interessante com uma tese que considero importante apresentar”, ele não aprovou o título. De acordo com Williams, Herskovits “estava inclinado a concordar com o leitor do texto, quando lhe contei sobre isso, que o título deveria ser mudado. Discordo.” Exibindo a combatividade que o caracterizava como estudioso e político, Williams expôs vigorosamente suas objeções. Aos que sugeriram que o livro era

sobre a escravidão nas Índias Ocidentais, ele respondeu: “Esse não é o livro que me propus escrever, e o livro não tem nada sobre o tratamento ou as condições dos escravos. Trata do que os escravos produziam, como eram comprados e das consequências desses pontos para o capitalismo.”

Williams não era, entretanto, contrário a um acordo, desde que o novo título refletisse os principais argumentos e conteúdo da obra. Herskovits propôs dois títulos, que Williams observou em sua carta de 18 de dezembro ao Couch:

O primeiro é “Escravidão na Revolução Industrial”. Na minha opinião, isto é inadequado, pois exclui o papel da escravidão no período do capitalismo comercial, ao qual dedico muitas páginas. A segunda é “Escravidão no Desenvolvimento do Capitalismo”. Isso me satisfaz. Mas parece muito longo. Ainda não fui convencido por ninguém de que não tenho justificativa para falar em termos gerais do capitalismo quando o livro trata do capitalismo britânico, que foi o modelo e progenitor do capitalismo em outros lugares. É importante notar também que dois estudiosos como o Professor Ragatz e o Professor Pitman aprovaram inteiramente a minha escolha. Não desejo insistir neste ponto. Mas a minha escolha expressa o livro que pretendia escrever e escrevi. Se insistirem em mudá-la, então estou preparado para aceitar “A Escravidão no Desenvolvimento do Capitalismo” do Professor Herskovits como um compromisso. Mas “Escravidão nas Índias Ocidentais” está fora de questão.¹⁴

A editora provavelmente não viu sentido em contestar os argumentos contundentes do autor e decidiu manter o título original. Quando o trabalho editorial do manuscrito começou, em 1944, Williams teve um interesse ativo em seu progresso, sugerindo mudanças de tempos em tempos. Na verdade, o capítulo 12 foi acrescentado em junho, quando o manuscrito já estava na revisão de páginas. Williams informou a sua editora, May Littlejohn, em 3 de junho, que estava adicionando um novo capítulo intitulado “Os Escravos e a Emancipação”. Ele observou que havia encontrado algumas informações “maravilhosas” sobre o papel dos escravos na promoção da causa da emancipação, explicando:

Analisei a atitude do governo, dos proprietários ausentes, dos capitalistas, dos humanitários. Agora analiso os escravos. Já debati a batalha na Inglaterra, agora debato a batalha nas Índias Ocidentais. E como o livro começa com a origem da escravidão negra, seria eficaz encerrá-lo com as tentativas dos escravos de acabar com a escravidão. O tema geral é que a pressão dos capitalistas e humanitários internos sobre os proprietários foi agravada nas colônias pelas pressões dos escravos, e que em 1833, se a escravidão não tivesse sido abolida a partir de cima, teria sido abolida a partir de baixo.¹⁵

Quando Williams enviou o capítulo completo, em 19 de junho, ele elaborou suas razões para escrevê-lo. “Ao ler o manuscrito”, confessou ele, “me ocorreu que havia lidado com todos os aspectos do problema por mais de dois séculos, mas as pessoas que são os objetos e a base do movimento [de emancipação] eu havia deixado intocadas. Portanto, expus-me à crítica devastadora de que a minha história era de estilo antigo, porque os meus olhos estavam inteiramente grudados naqueles de cima. O Capítulo 12 torna esta crítica impossível.”¹⁶

O livro foi finalmente publicado em 11 de novembro de 1944. A editora pretendia originalmente imprimir 1.000 exemplares, mas, devido à insistência do autor de que haveria um mercado substancial para a obra — e provavelmente como resultado de suas próprias pesquisas de mercado — o número foi aumentado para 1.500. O autor das Índias Ocidentais foi particularmente sensível à questão de como seria descrito nos materiais de divulgação da editora. Quando apresentou o esboço biográfico solicitado, escreveu que esperava ser caracterizado como de origem da “Índia Ocidental” em vez de “trinidadense” na divulgação. Ele explicou a Couch: “Afirmo que nasci em Trinidad, mas agradeceria se em algum lugar você pudesse me descrever como um Indiano ocidental nascido em Trinidad, em vez de um trinidadense. Pode parecer trivial, mas nós, índios ocidentais, damos muita importância a isso.”¹⁷ Essa afirmação de uma identidade das Índias Ocidentais, em contraste com uma identidade de Trinidad construída de forma mais restrita, continuou a ser uma característica importante da vida e da obra de Williams.

Williams também procurou garantir que a respeitabilidade intelectual do livro derivasse da força de seus argumentos e não da personalidade de seu autor ou de suas qualificações acadêmicas. Depois de ver as primeiras revisões do livro, apressou-se em garantir à sua editora que estava “muito feliz em ver as versões preliminares com a simples declaração ‘Por Eric Williams’”. Tenho tanta repulsa a todos esses títulos pomposos

e títulos extensos.”¹⁸ Ainda, Williams foi extraordinariamente ativo na promoção da venda do livro nos Estados Unidos, nas Índias Ocidentais e no Canadá. Em 25 de abril de 1944, quase sete meses antes do lançamento do livro, escreveu a Couch que acabara de retornar de uma viagem às Índias Ocidentais, na qual

Descobri, como esperava, um tremendo interesse pela história das Índias Ocidentais. Pediram-me para falar aos assinantes da Biblioteca Pública de Trinidad e escolhi como tema “As Índias Ocidentais Britânicas na História Mundial”, dando ao público, por assim dizer, uma prévia do livro. O Governador estava presidindo a mesa, então foi uma ocasião de gala. Um salão destinado a 300 pessoas teve que acomodar 700 pessoas, e por todos os lados me disseram que nunca houve nada comparável na história de Trinidad. Não sou tão modesto a ponto de negar que parte do interesse se devia ao orador, mas ao mesmo tempo o assunto exerceu grande atenção. Disseram-me mais tarde que meu livro venderia 1000 exemplares em Trinidad e, embora o número pareça um pouco alto, o exagero não é tão grande quanto pode parecer para quem está de fora. Recebi alguma publicidade em Barbados e na Guiana Inglesa, e descobri também que lá tem um grande interesse pelo livro.¹⁹

Williams conseguiu persuadir a editora a vender o livro nas Índias Ocidentais por US\$ 1,00, em vez dos US\$ 3,00 que custava nos Estados Unidos. Ele também comprou vários exemplares com desconto para autores e os vendeu nos Estados Unidos e no Canadá, principalmente para estudantes que adivinham das Índias Ocidentais. Quatro meses após a publicação do livro, ele enfatizou a Couch que estava “muito interessado na leitura do livro pelas pessoas das Índias Ocidentais, em particular”, acreditando que elas lucrariam intelectualmente e de outras maneiras com o livro. “Adotei uma linha política no livro”, lembrou Williams a Couch, “que as pessoas das Índias Ocidentais, mais do que qualquer outra pessoa, precisam entender.”²⁰ Williams teve tanto sucesso na venda do livro que Porter Cowles, assistente executiva do diretor da editora, o elogiou por seu papel. “A maioria dos autores que compram uma série de cópias de suas próprias obras parecem fazer isso por si próprios”, escreveu Cowles. “Você é a exceção porque convence outras pessoas a comprá-los”, ela acrescentou.²¹

O notável sucesso do livro levou a editora a encomendar uma segunda impressão de 1.500 exemplares no verão de 1945. Williams ficou muito satisfeito. Escrevendo a Couch em 18 de agosto de 1945, afirmou com euforia: “É claro que estou muito feliz que o livro esteja indo tão bem. Sem querer parecer vaidoso, porém, não estou surpreso. Não só a escravatura, mas também as Índias Ocidentais são assuntos de grande interesse nos Estados Unidos e na Inglaterra; e, claro, nas Índias Ocidentais hoje.”²² Em 31 de dezembro de 1949, a editora havia vendido 2.412 exemplares do livro e distribuído 95 exemplares gratuitos. Os royalties totalizaram US\$ 271,80 — uma quantia que ficou muito aquém das obrigações do autor para com seus benfeitores.

Capitalismo e Escravidão foi amplamente revisado. Periódicos acadêmicos, revistas literárias e a imprensa popular tomaram nota de seu surgimento. As críticas foram, compreensivelmente, mistas. Os críticos de descendência africana elogiaram uniformemente o trabalho, enquanto aqueles que reivindicaram uma herança europeia foram muito menos entusiasmados e mais divididos na sua recepção. Escrevendo no *Negro College Quarterly*, o notável estudioso negro Lorenzo Greene chamou o livro de “um estudo acadêmico.” Ele comentou que “um trabalho desse tipo já deveria ser feito há muito tempo e o Dr. Williams atendeu a necessidade de maneira brilhante.” O revisor para *Crisis*, o historiador J. A. Rogers, elogiou o autor por mostrar “melhor do que me lembro de ter visto o que o Novo Mundo deve ao Negro, vítima da escravidão e do comércio de escravos, pelo seu desenvolvimento; particularmente na sua fase pioneira; bem como a Inglaterra pela sua ascensão de uma pequena potência ao maior império do mundo.” Carter G. Woodson, no *Journal of Negro History*, elogiou o livro por marcar “o início do estudo científico da escravidão do ponto de vista internacional.” (Wilberforce University, 1945; Franklin, 1945; The Crises, 1945).

Entre os críticos brancos, Elizabeth Donnan ficou “às vezes perturbada pela sensação de que a tese, por mais plausível que seja, pode ser simples demais.” “A rigidez da interpretação econômica dá pouca margem à complexidade dos motivos do homem e ao jogo das circunstâncias que muitas vezes criam situações totalmente não planejadas e inesperadas”, afirmou ela. Numa crítica muito hostil, Frank Tannenbaum considerou que o livro estava contaminado “com uma fé fortemente temperada na interpretação econômica da história, dada um entusiasmo estridente por uma noção visível de nacionalismo negro.” O revisor do *Times Literary Supplement*, D. W. Brogan, acusou que “algumas das seções deste livro são suposições mais brilhantes do que demonstrações completas de afirmações incontestáveis de causa e efeito.” No entanto, continuou Brogan, “este é um trabalho admiravelmente escrito, argumentado e original.” Henry Steele Commager considerou a

obra “uma das mais eruditas, mais penetrantes e mais significativas que surgiram neste campo da história.” (Columbia University, 1946; Cambridge University Press, 1946; Times Literary Supplement, 1945, Weekly Book Review, 1945).

Não é de surpreender que alguns historiadores ingleses tenham procurado rejeitar os argumentos de Williams com ataques venenosos, em vez de argumentos fundamentados, investigação e análises cuidadosas. Farnie, um historiador da economia, sugeriu que o livro apresentou à

própria comunidade do autor o mito sustentado de que o ‘capitalismo’ era responsável por sua condição, uma visão que não encontrou aceitação na Europa Ocidental, onde a história foi separada desse enraizamento no mito, mas foi considerado altamente aceitável pelas elites educadas da África e da Ásia (Farnie, 1962, p. 212).

Muito menos crítico, mas abertamente paternalista, foi Fage, o africanista, que sentiu que o ataque de Williams ao “argumento humanitário” para a abolição da escravidão era

inevitável no final dos anos 1930 e início dos anos 1940, quando um jovem negro radical das colônias, ainda mais oriundo das Índias Ocidentais profundamente deprimidas, viu-se trabalhando à sombra da escola de história imperial que [Sir Reginald] Coupland havia estabelecido entre as paredes calmas da Universidade de Oxford.²³

A primeira crítica acadêmica alargada a *Capitalismo e Escravidão* só apareceu em 1968. Escrevendo na *Economic History Review*, o historiador inglês Roger Anstey (1968) desafiou o argumento de que o capitalismo maduro destruiu a escravidão. Outros estudiosos, beneficiando-se de décadas de investigação desde a publicação do livro em 1944, rapidamente tentaram minar suas principais conclusões. Como uma medida dos debates que o livro continua a gerar, alguns dos principais estudantes mundiais da economia da escravidão reuniram-se em Bellagio, Itália, em 1984, para discutir as ideias que Williams apresentou na sua obra clássica.²⁴

Capitalismo e Escravidão apareceu quando o autor tinha apenas trinta e três anos – um fato que às vezes é esquecido. Apesar da sua juventude, é uma obra de brilho conceitual, intelectualmente madura, ousada, incisiva e imensamente provocadora. Alguns estudiosos contemporâneos reduziram as arestas dos argumentos do livro, e outros atacaram o seu núcleo, mas as alegações centrais não foram derrotadas intelectualmente. Na verdade, a conceitualização da problemática por parte de Williams permanece mesmo que alguns estudiosos posteriores tenham refinado as suas questões e oferecido outras respostas.

A publicação de *Capitalismo e Escravidão* marcou um importante divisor de águas na historiografia do Caribe. Inaugurou uma nova fase no estudo da relação entre o poder colonial e as colônias, alterando permanentemente os termos da análise e do discurso subsequente. Mas suas ramificações estenderam-se para além do Caribe. Williams estabeleceu a centralidade da escravidão africana e do comércio de escravos para a economia inglesa, desafiando a visão tradicional de que as colônias eram mais os destinatários da benevolência metropolitana e menos os principais agentes na construção da prosperidade do poder imperial. Suas conclusões podem ser rejeitadas, mas nenhum estudioso sério pode evitar o confronto com as importantes questões que o livro coloca. *Capitalismo e Escravidão* continuará sendo um tesouro histórico.

Referências

- ANSTEY, R. T. Capitalism and Slavery: a Critique. *Economic History Review*, v. 21, n. 2, p. 307–320, Aug. 1968. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2592438?origin=crossref>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS. *Journal of Economic History* v. 6, n. 2, Nov. 1946. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i337007>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- COLUMBIA UNIVERSITY. *Political Science Quarterly* v. 61, n. 1–4, Mar./Dec. 1946. Disponível em: <https://www.psqonline.org/volume.cfm>. Acesso em: 10 nov. 2025.
- THE CRISES, New York, n. 10, v. 52, Oct. 1945. Disponível em: https://archive.org/details/pub_crisis?tab=collection&query=10%2C+1945&sort=-date. Acesso em: 10 nov. 2025.

FAGE, J. D. Introduction to The British Anti-Slavery Movement. 2nd ed. In: COUPLAND, R. (Sir). New York: Barnes and Noble, 1964. p. xvii–xxi.

FARNIE, D. A. The Commercial Empire of the Atlantic, 1607–1783. *Economic History Review*, v. 15., n. 2, p. 205–218, 1962.

FRANKLIN, V. P. *Journal of Negro History*, v. 30, p. 93–95, Apr. 1945. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/toc/jnh/1945/30/2#:~:text=Volume%2030%2CNumber%202%7CApril%201945%20%C2%B7%20The%20Upgrading,Artisan%20%C2%B7%20American%20Slavery%20as%20Seen%20by>. Acesso em: 10 nov. 2025.

SOLOW, B. L.; ENGERMAN, S. L. (ed.) *British Capitalism and Caribbean Slavery: The Legacy of Eric Williams*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1987.

SHERIDAN, R. B. Eric Williams and Capitalism and Slavery: A Biographical and Historiographical Essay. In: SOLOW, B. L.; ENGERMAN, S. L. (ed.) *British Capitalism and Caribbean Slavery: The Legacy of Eric Williams*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1987. p. 317–345.

TIMES LITERARY SUPPLEMENT, May 26, p. 250, 1945. Disponível em: <https://www.the-tls.com/archive>. Acesso em: 10 nov. 2025.

WEEKLY BOOK REVIEW, February 4, 1945, p. 5. Disponível em: <https://www.publishersweekly.com/>

WILBERFORCE UNIVERSITY. *The Negro College Quarterly*, Ohio, v. 3, n. 1, p. 46–48, March 1945. Disponível em: https://books.google.com.br/books?redir_esc=y&hl=pt-BR&id=4oPUT5Ta59EC&focus=searchwithinvolume&q=46. Acesso em: 10 nov. 2025.

WILLIAMS, E. *Inward Hunger: The Education of a Prime Minister*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.

Notas:

- ¹ Publicada originalmente como uma introdução do livro *Capitalismo e Escravidão* da autoria de Eric Williams na edição de 1994 pela editora University of North Carolina Press (www.uncpress.org) A autoria original dessa introdução é de Colin Alphonsus Palmer (1944-2019), historiador jamaicano americano e professor de história e estudos afroamericanos na Princeton University. Dentre outras publicações, Palmer escreveu uma biografia de Eric Williams intitulada “Eric Williams and the Making of the Modern Caribbean” (University of Chicago Press, 2006). Texto traduzido com a permissão da editora por Emilio Ben Barreto Freire (Nota do tradutor – daqui para frente N.T.).
- ² Eric Williams para W. T. Couch, 17 de fevereiro de 1943, University of North Carolina Press Records, subgrupo 4, Southern Historical Collection, University of North Carolina em Chapel Hill. Todos os registros relativos à publicação de *Capitalismo e Escravidão* estão localizados nesta coleção.
- ³ Eric Williams para W. T. Couch, Fevereiro 17, 1943, University of North Carolina Press Records, subgroup 4, Southern Historical Collection, University of North Carolina em Chapel Hill.
- ⁴ Lowell Ragatz para May T. Littlejohn, 14 de março de 1943.
- ⁵ Frank Pitman para May T. Littlejohn, não datado (ênfase original).
- ⁶ Hugh Lefler para W. T. Couch, 17 de abril de 1943.
- ⁷ Charles Robson para W. T. Couch, 10 de maio de 1943.
- ⁸ W. T. Couch para Eric Williams, 22 de abril de 1943.
- ⁹ Eric Williams para W. T. Couch, 9 de junho de 1943.
- ¹⁰ Eric Williams para W. T. Couch, 14 de setembro de 1943.
- ¹¹ Eric Williams para W. T. Couch, 18 de dezembro de 1943.
- ¹² Donald Goodchild para Eric Williams, 27 de março de 1944.
- ¹³ Eric Williams para W. T. Couch, 4 de setembro de 1943.
- ¹⁴ Eric Williams para W. T. Couch, 18 de dezembro de 1943.
- ¹⁵ Eric Williams para May T. Littlejohn, 3 de junho de 1944.
- ¹⁶ Eric Williams para May T. Littlejohn, 19 de junho de 1944.
- ¹⁷ Eric Williams para W. T. Couch, 13 de março de 1944.
- ¹⁸ Eric Williams para May T. Littlejohn, 29 de março de 1944.
- ¹⁹ Eric Williams para W. T. Couch, 25 de abril de 1944.
- ²⁰ Eric Williams para W. T. Couch, 14 de março de 1945.
- ²¹ Porter Cowles para Eric Williams, 19 de abril de 1947.
- ²² Eric Williams para W. T. Couch, 18 de agosto de 1945.
- ²³ Coupland (1964) enfatizou o impulso humanitário e a emancipação britânica nas suas obras.
- ²⁴ Alguns artigos apresentados nesta conferência foram publicados em Solow e Engerman (1987). Cf., em particular, o capítulo de Sheridan (1987).

Emílio Ben Barreto Freire

emiliobfreire@proton.me

Doutorando em Serviço Social no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade de Santa Catarina (PPGSS/UFSC) e pesquisador visitante no King's College London.

Universidade Federal de Santa Catarina

Campus Universitário Florianópolis – Centro Socioeconômico

Rua Roberto Sampaio Gonzaga

Trindade – Florianópolis – SC

CEP: 88040-900

Agradecimentos

Agradeço à University of North Carolina Press e Erica Williams por me concederem os direitos de tradução do presente texto, possibilitando a publicação para leitores lusófonos da introdução de Colin Palmer que contextualiza essa obra tão essencial que é *Capitalismo e Escravidão* de Eric Williams.

Agência financiadora

Não se aplica.

Contribuição dos autores

O autor é responsável por todas as etapas da elaboração do manuscrito.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação

Não se aplica.

Consentimento para publicação

O Autor consente a publicação do presente manuscrito.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Disponibilidade de dados

Nenhum dado de pesquisa gerado ou utilizado.

Editores Responsáveis

Mailiz Garibotti Lusa – Editora-chefe

Jonaz Gil Barcelos – Comissão Editorial